



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO  
BIBLIOGRÁFICA  
ÀS SEARCH ENGINES (I)**

**Marilda Lopes Ginez de Lara**

**Ensaio APB, n. 90**

**APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB**

**DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO  
BIBLIOGRÁFICA  
ÀS SEARCH ENGINES (I)**

**Marilda Lopes Ginez de Lara**

**Ensaio APB, n. 90**

**APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB**

**DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA  
ÀS SEARCH ENGINES  
(I)**

**Marilda Lopes Ginez de Lara**

**Ensaio APB, n. 90**

**São Paulo  
Maio  
2001**

# DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ÀS SEARCH ENGINES (I)

Marilda Lopes Ginez de Lara<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

No momento em que vivemos, bibliotecas e centros de informação utilizam, quase que simultaneamente, distintos instrumentos para organização e busca da informação: sistemas de classificação concebidos no final do século passado, tesouros, ferramentas baseadas no processamento de linguagem natural, etc. Isso se deve à ampliação do conceito de biblioteca (de um acervo limitado para um acervo virtual, que transcende o universo físico), ao aumento da oferta de ferramentas de tratamento e recuperação e o acesso facilitado a inúmeros sistemas de informação (bases de dados formalizadas, informações na Internet, etc.). Permanecem, porém, as dificuldades nos processos de representação e de recuperação que passam, também, a não ser exclusivos dos bibliotecários: ao contrário, são enfrentados por todos aqueles que procuram divulgar suas informações ou precisam delas para resolver problemas operacionais, desenvolver novos produtos, etc.

Para os profissionais que trabalham cotidianamente com informação, talvez este seja um momento a ser aproveitado para realizar um balanço sobre os benefícios efetivos que os inúmeros instrumentos de organização e/ou recuperação têm nos oferecido. Procuraremos, neste trabalho, levantar alguns itens que possam contribuir ao debate da questão propondo uma sistematização sobre as características dos diversos tipos de instrumentos, suas funções e limites de representação.

---

<sup>1</sup> Profa. do Depto. de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes, USP.

Os distintos instrumentos de organização da informação hoje disponíveis foram construídos em diferentes momentos e obedeceram a diferentes propósitos. Seu uso, portanto, está condicionado às suas características particulares, não sendo possível exigir deles mais do que aquilo a que se propuseram a fazer. Talvez resida aí um dos principais problemas das respostas insatisfatórias advindas de seu uso.

## 2 OS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

É natural que comecemos nossa análise pelos sistemas de classificação utilizados pelas bibliotecas tradicionais. A atividade de classificação, embora inerente a quaisquer processos de tratamento da informação para sua recuperação, é mais diretamente associada aos sistemas de classificação bibliográfica, ou mais particularmente, no Brasil, ao Dewey Decimal Classification (para nós, CDD), e à Classificação Decimal Universal, CDU. Não é novidade afirmar, nos dias de hoje, que ambos já não respondem com eficiência às nossas necessidades de representação da informação. Por que isso acontece? O que são exatamente esses sistemas? O fato de terem sido criados há quase um século justificaria, por si só, os problemas enfrentados na representação da informação?

Na realidade, o objetivo da CDD não era exatamente o de promover a transferência da informação, mas a organização de documentos. Isso explica, de certa maneira, porque as operações principais com o sistema estão focalizadas nas classes.

Tomando como referência a proposta de Francis Bacon relativa à divisão do conhecimento e associando-a a uma divisão decimal, a CDD constitui uma referência bastante eficiente para acomodar os livros e distribuí-los fisicamente nas bibliotecas. O padrão para essa distribuição é constituído por classes de assunto - ou mais precisamente, disciplinas canônicas - que se subdividem

sucessivamente sempre em base dez, o que permite contemplar desde assuntos gerais até os mais específicos. As sucessivas edições (a CDD hoje já tem sua 22a. edição) conheceram inúmeras modificações para tentar dar conta de uma produção bibliográfica sempre crescente, porém nenhuma modificação chegou a abalar sua estrutura básica inicial.

O corpo básico do esquema classificatório, muito cedo já integrava o princípio de divisões paralelas (presente já na segunda edição, em 1885), recurso esse que permitia contemplar divisões comuns a todas as classes, evidência de que já se identificava aí a constatação de uma certa regularidade na subdivisão dos assuntos.

A CDU que lhe seguiu, não estava diretamente voltada à organização física de acervos, mas à organização de artigos de periódicos que constituiriam um grande repertório bibliográfico universal. Embora esse fosse um indício de uma nova necessidade - trabalhar a partir da perspectiva da informação dos documentos - a solução adotada ainda ficou muito atrelada à proposta de Dewey que privilegiava primeiramente as classes e só depois os assuntos específicos. Paul Otlet e Henri La Fontaine, inspirados certamente nas divisões comuns de Dewey, separaram tais notações do esquema classificatório principal através do uso de uma simbologia especial expressa por sinais (GROLIER, 1962). Mas foi o uso dos dois pontos a inovação mais significativa, uma vez que se constituiu num recurso para escapar às restrições impostas por uma grade decimal extremamente rígida.

Os dois sistemas são em parte enumerativos (herança do uso do princípio da indução baconiana), em parte hierárquicos (à medida que privilegiam relações de inclusão, do tipo gênero/espécie para realizar os detalhamentos das classes). O uso simultâneo desses princípios tem como resultado a convivência, nas hierarquias, de relações de distinta natureza, coisa que é potencializada pelo uso da base decimal. Isso quer dizer que, a rigor, não há um critério uniforme de organização, o que dificulta sua compreensão e uso.

Mas o que é mais importante salientar é que ambos os sistemas partem da convicção de que a representação do conteúdo de documentos (noção essa, aliás, muito imprecisa) deve ser feita a partir de um parâmetro universal. Classificar a partir de disciplinas é uma abordagem que parte de *pontos fixos de enunciação* e, por isso mesmo, não permite considerar as várias possibilidades de análise e uso da informação. Os sistemas de classificação pressupõem a existência de uma visão de mundo homogêna, estável e, de certo modo, imutável. Esse aspecto é reafirmado pelo modo dedutivo de organizar o conteúdo das classes, método esse que prevalece sobre o uso do princípio de indução baconiana. Ora, a dedução não gera conhecimento, e os sistemas concebidos segundo essa metodologia acabam por reforçar uma noção de conhecimento como acúmulo. A cadeia dedutiva que se desenvolve a partir das classes pré-definidas (disciplinas), até os assuntos mais específicos, impede que se dê conta da diversidade e da multiplicidade dos pontos de vista de análise. Por conseguinte, a CDD e a CDU são mais aptas antes a prover uma base para a formação de estoques e para a reprodução do conhecimento do que promover a circulação da informação.

Como ilustração, veja-se exemplo de cadeia na CDD:

#### DEWEY DECIMAL CLASSIFICATION

300	SOCIAL SCIENCES
330	ECONOMICS
335	SOCIALISM AND RELATED SYSTEMS
335.1	SYSTEMS OF ENGLISH ORIGIN
335.2	SYSTEMS OF FRENCH ORIGIN
335.3	SYSTEMS OF AMERICAN ORIGIN
335.4	MARXIAN SYSTEMS
335.5	DEMOCRATIC SOCIALISM
335.6	FASCISM
335.7	CHRISTIAN SOCIALISM
335.8	OTHER SYSTEMS
335.9	VOLUNTARY SOCIALIST AND ANARCHIST COMMUNITIES
	etc.

(Fig. 1)

Na proposta acima, a hierarquia notacional é perfeita. Os problemas estão na distribuição dos conceitos, ora por origem, ora por tipo, revelando o uso simultâneo de características diferentes sob um mesmo vértice.

Problema semelhante ocorre na CDU, a partir da subdivisão sucessiva da notação correspondente à classe principal.

**637.1 LATICÍNIOS E SEUS DERIVADOS EM GERAL**  
637.11 ORDENHA. EQUIPAMENTO PARA ORDENHA  
637.114 ORDENHA MANUAL  
637.115 ORDENHA MECÂNICA  
637.12 LEITE (INTEGRAL, NÃO PROCESSADO)  
637.13 LEITE PROCESSADO  
637.133 TRATAMENTO E CONSERVAÇÃO DO LEITE PELO CALOR  
637.133.1 RESFRIAMENTO E CONGELAMENTO DO LEITE  
637.133.2 PRÉ-AQUECIMENTO E AQUECIMENTO DO LEITE  
637.133.3 PASTEURIZAÇÃO  
  
637.2 MANTEIGA

(Fig. 2)

a) O primeiro problema se relaciona ao uso de duas características de divisão num mesmo ponto da cadeia: LATICÍNIOS e DERIVADOS. Isto prenuncia que a divisão será feita ora por uma característica, ora por outra.

b) As notações:

637.11 ORDENHA. EQUIPAMENTO PARA ORDENHA  
637.12 LEITE (INTEGRAL, NÃO PROCESSADO)  
637.14 LEITE PROCESSADO

(Fig. 3)

não apresentam divisões coerentes a partir do uso de uma característica: ordenha não é um tipo de laticínio (ou derivado), não podendo fazer parte da série leite integral, leite processado.



c) Na representação dos tipos de laticínios (gênero/espécie), manteiga está excluída e relacionada à parte. Da forma como está, faz série com tipos de laticínios, o que não está correto.

d) Amalgamada à representação dos tipos de laticínio (gênero/espécie), está a representação do *fluxo produtivo*, assinalada abaixo, em itálico, que caracteriza uma relação associativa do tipo seqüencial:

637.11	ORDENHA. EQUIPAMENTO PARA ORDENHA
637.114	ORDENHA MANUAL
637.115	ORDENHA MECÂNICA
637.15	LEITE (INTEGRAL, NÃO PROCESSADO)
637.16	LEITE PROCESSADO
637.133	TRATAMENTO E CONSERVAÇÃO DO LEITE PELO CALOR
637.133.1	RESFRIAMENTO E CONGELAMENTO DO LEITE
637.133.2	PRÉ-AQUECIMENTO E AQUECIMENTO DO LEITE
637.133.3	PASTEURIZAÇÃO

(Fig. 4)

Observe-se, agora, o que acontece com Transporte:

656.11.5	TRANSPORTE TERRESTRE
.1	TRANSPORTE RODOVIÁRIO
.2	TRANSPORTE FERROVIÁRIO
.3	TRANSPORTE POR FERROVIAS ESPECIAIS
.4	TRANSPORTE POR BITOLA ESTREITA
.5	OUTROS

Fig. 5

a) Transporte ferroviário não foi considerado termo superordenado, pois forma série com Transporte por ferrovias especiais e Transporte por bitola estreita (além de Transporte rodoviário, amalgamado).

b) A possibilidade de divisão fica aberta sob "Outros", fato comum em vários pontos do sistema.

Outro exemplo:

<b>3</b>	<b>CIÊNCIAS SOCIAIS</b>
30	TEORIAS, METODOLOGIA E MÉTODOS ...
303.6	MÉTODOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
303.61	MÉTODOS DE LEVANTAMENTO
303.62	MÉTODOS DE INQUÉRITO. ENTREVISTA. QUESTIONÁRIO.
303.621	TIPOS DE INQUÉRITO
303.621.2	GRAU DE PADRONIZAÇÃO
303.621.3	FORMA DE INQUÉRITO: ORAL, PESSOAL, POR TELEFONE...
303.622	PLANEJAMENTO DO QUESTIONÁRIO
303.623	ESTRATÉGIA DE ENTREVISTA
303.624	ENTREVISTADOR
303.625	ENTREVISTADO
etc.	

(Fig. 6)

a) tipos de inquérito (ou pesquisa, em português do Brasil), que deveria resultar, como o próprio nome o diz, numa tipologia - gênero/espécie -, traz, ao contrário, grau de padronização e forma de inquérito (que correspondem, antes, a aspectos metodológicos das pesquisas);

b) tipos de inquérito, faz série com: planejamento do questionário, estratégia de entrevista, entrevistador, entrevistado.

Problemas como os acima apontados, comuns à CDD e à CDU, decorrem principalmente das restrições para se apresentar, numa única hierarquia, diferentes gêneros de relações entre os termos. Se do ponto de vista notacional a hierarquia é perfeita, a acomodação dos conceitos só o é quando se tratar de relações do tipo gênero/espécie (e todo/parte, quando a organização hierárquica é apenas uma forma de apresentação<sup>2</sup>). De fato, o mundo não se organiza à maneira hierárquica e vários tipos de relações podem ocorrer entre os conceitos (relações denominadas associativas não-

<sup>2</sup> As relações hierárquicas podem ser observadas segundo a natureza da relação (e então gênero/espécie é a única relação hierárquica genuína), ou segundo a forma de apresentação (quando tanto a relação gênero/espécie, como todo/parte, podem ser apresentadas sob a forma de árvore).

hierárquicas, como as relações do tipo causa-efeito, produtor-produto, ação-objeto da ação, agente-instrumento, atividade-agente, etc.). A forma de organização exclusivamente hierárquica adotada por tais sistemas apresenta-se, desse modo, como impedimento para dar conta da multiplicidade de aspectos a partir dos quais os conceitos podem se relacionar.

No caso da CDD, há ainda o problema da proibição de engendrar combinações entre conceitos dentro de uma mesma classe ou entre classes, fora das instruções do sistema. Essa possibilidade é prevista pelos dois pontos da CDU, porém nem sempre traz bons resultados: além de notações muito longas, em muitos casos enfrenta-se problemas de duplicação de aspectos que já estão contemplados pelo sistema, porém não localizados de imediato, e dificuldades de montagem de novos assuntos quando as notações que vão ser combinadas já se referem a assuntos (combinação prévia de conceitos) e não conceitos que poderiam ser combinados para formar novos assuntos<sup>3</sup>.

Analisados sob essa perspectiva, pode-se compreender melhor porque os sistemas de classificação bibliográfica são mais adequados à preservação de acervos (e reprodução de pontos de vista já fixados) do que à transferência da informação. Ao privilegiar a preservação de acervos, tais sistemas contribuem para a manutenção dos monopólios de conhecimento, pois permitem operar apenas a partir do conhecimento registrado – e segundo uma abordagem datada – não tendo nenhum compromisso explícito com uma prática social efetiva a medida em que não consideram os contextos de uso. Embora esses sistemas tragam, mesmo que embrionariamente, objetivos de circulação de informações, pecam quanto à potencialidade de instaurar efetivamente processos de comunicação. Sua utilização restringe-se a operações de “encaixe” e de pré-coordenação de assuntos, que têm como resultado apenas a difusão de conhecimento.

---

<sup>3</sup> A CDD e a CDU apresentam em suas notações, indiferenciadamente, conceitos e assuntos (combinação de conceitos). O primeiro passo significativo para separar os conceitos foi dado por Ranganathan, quando ele prescreveu os “isolados”.

Outra característica ausente nos sistemas de classificação é a preocupação com o controle de vocabulário (a Lingüística nunca constituiu referência para a construção desses sistemas), além do que as notações classificatórias são praticamente abandonadas no momento de construção dos catálogos para acesso ao conteúdo dos documentos quando são utilizadas listas de cabeçalho de assunto – como a *Library of Congress Subject Headings* ou a *Sears List* – para a elaboração das entradas. Mais grave ainda é o fato de que as entradas destas listas são traduzidas pelas diversas instituições que as utilizam e registradas apenas em catálogos de “rubricas de assunto”, instrumentos que não permitem o controle efetivo do vocabulário porque não dispõem de uma base estrutural de sustentação.

### 3 AS CLASSIFICAÇÕES FACETADAS

Alteração significativa na teoria da classificação é desencadeada com Ranganathan e sua Colon Classification (1933). Apesar de ser também uma classificação enciclopédica, a CC introduz a noção de agrupamento por categorias e facetas. Para Ranganathan, as áreas de assunto podem ser observadas a partir da manifestação das categorias Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. Em cada classe de assunto, porém, tais categorias se manifestam diferentemente. A título de exemplo, compare-se as classes Library Science, de um lado, e Generalia Bibliography, de outro, conforme se segue:

#### COLON CLASSIFICATION

##### LIBRARY SCIENCE

2 [P] ; [M] : [2P]

<i>Foci in [P]</i>		31	Elementary school
		32	Secondary school
		33	College
<b>1</b>	<b>Trans-local</b>	34	University
11	World	36	Research
13	Nation		
14	Region	<b>4</b>	<b>Business</b>
15	State	42	Industry
16	Division	44	Newspaper office
...		45	Commerce
<b>3</b>	<b>Academical</b>	48	Government department

...		4	Cooperation
<b>6</b>	<b>Special class</b>	<b>5</b>	<b>Technical treatment</b>
61	Child	51	Classification
63	Prisoner	55	Cataloguing
64	Hospital		
65	Woman	<b>6</b>	<b>Circulation</b>
68	Blind	61	Consultation
...		62	Lending
		7	Reference service
<b>Foci in [M]</b>		<b>8</b>	<b>Administration</b>
Same as Foci in [P] for		81	Book selection
<b>Generalia Bibliography</b>		811	Source
		82	Order
<b>Foci in [E] cum [2P]</b>		84	Accession
1	Book selection	85	Preparation
2	Organization	88	Maintenance
3	Function	97	Documentation

(Fig. 7)

**COLON CLASSIFICATION  
GENERALIA BIBLIOGRAPHY**

**a [P], [P2] [P3], [P4]**

**Foci in [P]**

**1 By mode of production**

11	Tablet
12	Manuscript
128	Archive
13	Sound book
14	Printed book
15	Photo-reproduction
151	Micro
1511	Film strip
1512	Film roll
152	Photostat
17	Map

...

**3 By language**

(To be divided by language)

4	By nature of publication
43	Book (conventional)
44	Newspaper
46	Periodical
47	Reference book
48	Patent
494	Thesis
4994	Nont-written book

...

(Fig. 8)

**5 By agency of production**

54	University
55	Government
58	Private

**6 By age of publication**

61	Old
66	Current

**7 By edition**

71	First
74	Proscribed
75	De luxe
77	Autograph

...

**Foci in [P2]**

1	List of publications in a geographical area
2	Library catalogue
3	Publisher's catalogue
4	Bookseller's catalogue
5	Catalogue of exhibition
7	Reading list

**Foci in [P3] and [P4]**

See chapter 9a of the Rules

Em Library Science, as manifestações das categorias se dão conforme segue:

- P (Personalidade), que diz respeito aos conceitos relativos aos vários tipos de bibliotecas;
- M (Matéria), tipos de materiais (para não repetir o conteúdo, somos instruídos a usar o que em Generalia Bibliography corresponde à P).
- E (Energia), ações e operações desenvolvidas nas bibliotecas.

Já em Generalia Bibliography, apenas a categoria P (Personalidade) se manifesta, porém em diversos níveis: o núcleo substantivo da Bibliografia remete aos vários tipos de documentos, em sua manifestação primária (por exemplo, livros), secundária (bibliografia de livros) e terciária (Bibliografia de bibliografia de livros).

Verifica-se, portanto, que em Library Science manifestam-se todas as categorias previstas na fórmula PMEST, o que não ocorre em Bibliografia, onde P, em vários níveis, corresponde ao conteúdo que em Biblioteconomia é M e remete ao material bibliográfico. Espaço - S e Tempo - T, podem, teoricamente, estar presentes em quaisquer classes, desde que façam sentido, não sendo necessário que constem explicitamente nas tabelas.

No interior de cada categoria os conceitos são arranjados em facetas, ou seja, agrupados segundo características comuns. Sob a categoria P, em Library Science, são apresentados vários tipos de bibliotecas reunidas em grupos sob o ponto de vista dos usuários-alvo, da abrangência geográfica coberta, da especialização do conteúdo etc. Cada conceito, por sua vez, constitui um isolado, que pode, seguindo-se a fórmula de faceta (ordem de citação) enunciada logo no início de cada classe, ser combinado a outros conceitos para formar um assunto.

A importância da Colon Classification não está propriamente no sistema de classificação - que é quase que exclusivamente utilizado na Índia, onde conheceu várias edições - mas o princípio de isolamento, categorização e facetação dos conceitos. Como se pode observar no exemplo acima, as categorias de

Ranganathan (que devem muito às categorias aristotélicas) não se manifestam da mesma maneira nas diversas classes básicas, o que confere maior flexibilidade à classificação e a possibilidade de uma análise 'por aspectos'. A partir da *Colon Classification* desencadeia-se um movimento de rompimento com abordagens anteriores, privilegiadas pelas classificações bibliográficas, mais lineares e essencialmente dedutivas.

As noções de categoria e faceta são, em seguida, exploradas de forma mais flexível nos trabalhos do *Classification Research Group - CRG*, grupo formado na década de cinquenta na Inglaterra (por Vickery, Langridge, Foskett, Coates, Kyle etc.), e existente até hoje. As classificações criadas pelos integrantes desse grupo tinham como principal diferença o abandono da noção de disciplina como parâmetro principal de análise, procedimento esse que permitiu flexibilizar a classificação a partir da introdução de um critério de funcionalidade relacionado às necessidades de arranjo e organização da informação em áreas de assunto particulares. São exemplo de classificações facetadas inúmeros sistemas especializados, como por exemplo, a classificação das Ciências do Solo, de Vickery, a classificação de Embalagens, de Foskett, etc.

### **CIÊNCIAS DO SOLO (Vickery)**

- 9 TIPOS DE SOLO
- 8 ESTRUTURA
- 7 CONSTITUINTES
- 6 PROPRIEDADES
- 5 PROCESSOS NO SOLO
- 4 OPERAÇÕES NO SOLO
- 3 TÉCNICAS DE LABORATÓRIO
- 1 GERAL

### **MANUFATURA DE EMBALAGENS (Foskett)**

- B PRODUTOS
- C PARTES
- D MATERIAIS
- F OPERAÇÕES
- SUBD. COMUNS

**BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (CRG/LISA)**

S/Z    PROCESSOS TÉCNICOS  
 N/R    OPERAÇÕES, AGENTES, EQUIP., PROMOÇÃO E USO  
 J/M    MATERIAIS, ACERVO, USO DOS MATERIAIS  
 E/H    TIPOS DE BIBLIOTECAS E USUÁRIOS  
 AB/D  SUBD.COMUNS: LUGAR, TEMPO, ASSUNTO E FORMA

**CIÊNCIAS SOCIAIS (Barbara Kyle)**

FENÔMENOS NATURAIS  
 ARTES  
 ATIVIDADES  
 OBJETIVOS  
 OBJETOS  
 IDÉIAS  
 ABSTRAÇÕES

(Fig. 9)

Os sistemas de classificação produzidos por integrantes do CRG não são categorizados da mesma maneira: o tipo e número de categorias de aglutinação variam de acordo com a especificidade da área focalizada, bem como dos objetivos visados por cada sistema. A despeito da heterogeneidade, o CRG buscou identificar algumas categorias mais recorrentes que, em princípio, poderiam ser úteis a diversas áreas do saber: Agente, Ação, Modo, Objeto da ação, Tempo, Espaço, Substância, Órgão, Propriedade, Instrumento etc. Como se pode observar, tais categorias, como as apresentadas anteriormente por Ranganathan, não são substancialmente diferentes daquelas sugeridas por Aristóteles e utilizadas nas análises gramaticais.

Outra contribuição significativa oferecida pelo CRG foi a de prever mecanismos para registrar relacionamentos entre os termos de forma mais potente que os dos dois pontos genéricos estabelecidos pela CDU. Essa providência também tem sua origem na proposta ranganathiana, que já havia identificado gêneros de relações entre os isolados (relações de fase, inter-fase, intra-fase), bem como sugerido símbolos para indicá-las.

Analisadas contemporaneamente, as categorias propostas pelo CRG mostram-se mais facilmente aplicáveis a domínios que têm um objeto concreto de trabalho (as



ditas áreas duras). De qualquer forma, a utilização da noção de faceta permitiu imprimir maior rigor à organização de agrupamentos de conceitos, tornando mais evidentes os diferentes aspectos a partir dos quais eles podem ser visualizados. Disso resulta não só a produção de grupos de conceitos mais consistentes, como também, a partir de seu isolamento, a possibilidade de produzir, de forma mais econômica, novos conceitos frutos de sua combinação.

A noção de faceta é primordial para o desenvolvimento da teoria da classificação já que, ao admitir a possibilidade de abordar diversos pontos de vista, começa a se desvincular dos padrões de divisão do conhecimento calcados exclusivamente nos sistemas filosóficos. A teoria da classificação começa a se desenvolver aproximando-se da Lógica e, ao mesmo tempo, das necessidades mais concretas dos usuários. Esse momento enuncia uma alteração de ênfase nos processos tradicionais da Biblioteconomia, quando a preservação cede espaço para a preocupação com a transferência da informação.

## ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- 90 - LARA, Marilda Lopes Ginez de. Dos Sistemas de Classificação Bibliográfica às Search Engines (i). Maio. 2001.
- 89 - SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. A "Gestão da Qualidade" na Administração e Organização de uma Unidade de Informação. Abr. 2001.
- 88 - ROSA, Maria Nilza Barbosa. A Formação da Opinião Profissional em Biblioteconomia. Mar. 2001.
- 87 - BARRETTO, Maria Paula R. Pereira. Universo Jurídico na Área da Biblioteconomia. Fev. 2001.
- 86 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Metadados (Revisão de Literatura). Jan. 2001.
- 85 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. A Biblioteconomia frente às inovações tecnológicas. Dez. 2000.
- 84 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 3 (Revisão de Literatura - Abordagens Institucional e Educativa e Funções). Nov. 2000.
- 83 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 2 (Revisão de Literatura - Abordagem Funcional). Out. 2000.
- 82 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 1 (Revisão de Literatura). Set. 2000.
- 81 - SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. O software "Database Marketing" como instrumento na tomada de decisões na administração da informação. Ago. 2000.
- 80 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Navegar é preciso: como entender a estrutura de busca na Web. Jul. 2000
- 79 - MOLOGNI, Michele. Programa INFOINDEX: a agilidade no trabalho de classificação e indexação. Jun. 2000.
- 78 - TOMAÉL, Maria Inês et al. Fontes de informação na Internet: acesso e avaliação das disponíveis nos sites das Universidades. Maio 2000.
- 77 - TOMAÉL, Maria Inês et al. Critérios para avaliar fontes de informação na Internet. Abr. 2000.
- 76 - DUTRA, Miriam Regiane. A indústria da informação no Brasil: reflexões. Mar. 2000.
- 75 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 2. Fev. 2000.
- 74 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 1. Jan. 2000.
- 73 - SOUZA, Samuel R. M. de. Como fazemos as coisas por aqui? Bibliotecários e Cultura Organizacional. Dez. 99.
- 72 - PEREIRA, Enidélci A. Zaquia et al. Agentes de Tecnologia: uma experiência de estágio na área de informação e gerência do Curso de Biblioteconomia da UEL. Nov. 99
- 71 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. A atividade de investigação em Ciência da Informação. Out. 99
- 70 - MARQUES, Eliana Maria. Biblioteca Pública no Brasil: sonho ou realidade? Set. 99
- 69 - FIERLI, Aglaé de Lima, CATARINO, Maria Elisabete. Classificação Decimal de Dewey em CD-ROM. Ago. 99.
- 68 - FREIRE, Bernardina M. Juvenal, PEREIRA, Raquel G., LIMA, Geysa F. C. de. Biblioteca volante em canteiro de obras: relato de uma experiência. Jul. 99.
- 67 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Agorá informacional. Jun. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUTRA, Sigrid Karin Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 48 - TOMAÉL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.

- 42 – FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 41 – SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 40 – SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 39 – LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 38 – SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 37 – ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 36 – FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 35 – FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 34 – MARCHIORI, Patricia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 33 – MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 32 – GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 31 – ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 30 – BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 29 – MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 28 – SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 27 – LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 26 – LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 25 – VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 24 – SILVA, A. M. S., ALMEIDA, G. M. A. B., BELLUZZO, R. C. B. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 23 – SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 22 – FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 21 – FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 20 – CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 19 – MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 18 – LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 17 – CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibioporã - PR. Abr. 95.
- 16 – VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 15 – ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 14 – VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 13 – ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 12 – RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 11 – TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 10 – SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 09 – LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 08 – FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 07 – DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 06 – BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 05 – OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 04 – MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 03 – TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 02 – MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 01 – MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.